

## O USO DE ACERVOS JORNALÍSTICOS CUSTODIADOS POR ARQUIVOS E BIBLIOTECAS ENQUANTO FONTE HISTORIOGRÁFICA

Luciana Souza de Brito.

Mateus de Moura Rodrigues<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa discorrer sobre o potencial de uso de acervos jornalísticos, custodiados por arquivos e bibliotecas, enquanto fonte de pesquisa histórica. Assim, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, em que elementos foram coletados para refletir num primeiro momento acerca dos jornais como fonte e documento. A partir destes elementos, buscou-se abordar uma metodologia própria para o trabalho com fontes jornalísticas, sendo selecionado o autor Braga (2012), que discorre sobre o uso destas fontes em pesquisas históricas.

**Palavras-chave:** acervos jornalísticos, arquivos, bibliotecas.

### INTRODUÇÃO

Uma das principais conveniências acerca do uso de jornais como fonte de pesquisa historiográfica é seu acesso facilitado, tendo em vista que tais acervos são largamente disponibilizados em bibliotecas e arquivos, tanto presencialmente quanto de maneira remota, quando digitalizados e acessíveis online.

Diante desse contexto, este estudo tem como propósito apresentar uma breve reflexão sobre o potencial de uso de acervos jornalísticos presentes em arquivos e bibliotecas, enquanto fonte de pesquisa histórica. Para tanto, de acordo com Gil (2021), caracteriza-se por um levantamento de cunho bibliográfico, já que sua premissa envolve a utilização de um lastro teórico relacionado à temática.

Considerando-se os jornais como documento, Barichello e Constante (2018) postulam que os mesmos contribuem para a rememoração de histórias e trajetórias de pessoas e instituições. Seu uso se tornou cada vez mais frequente, e pesquisadores buscam nesses registros elementos para refutar ou comprovar suas hipóteses de trabalho. Karawejczyk (2010) corrobora ao afirmar que é cada vez mais comum que historiadores incorporem jornais como manancial de pesquisa, até mesmo como fonte exclusiva.

Este fenômeno é explicado por Le Goff (2013) como decorrente do alargamento do conceito e da aceitação do documento como fonte a partir da década de 1960, culminando na chamada “revolução documental”, qualitativa e quantitativamente. Entretanto, isso não deve desviar o historiador do seu dever principal, que é a crítica ao documento.

---

<sup>1</sup> Luciana Souza de Brito, Dra. em História, Prof.<sup>a</sup> do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG - Mateus de Moura Rodrigues, Dr. em Letras, Prof. do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Nesse sentido, com a finalidade de utilização de jornais como fonte de pesquisa, é importante escolher uma metodologia de análise. No âmbito deste trabalho, conforme Braga (2012), leva-se em consideração o discurso adotado, desenhos, fotos, a estrutura dos artigos e a integração entre as diferentes matérias, sendo necessário ater-se ao contexto local e regional dos acontecimentos retratados, os quais servem de referência ao jornal para criação de suas próprias representações de contexto.

Diante do exposto, depreende-se que o uso do jornal como fonte documental deve ser um ato indissociável do senso crítico do pesquisador, dadas as possíveis dissonâncias entre o fato noticiado, a escrita e a leitura, pois, como escreve Le Goff (2013), o documento é o resultado de uma mescla, consciente ou não, da história, da época e da sociedade que o produziu. Assim, a inserção dessa fonte documental em arquivos e bibliotecas é uma forma de preservar e dar acesso a um material que contém inúmeras possibilidades de uso na pesquisa historiográfica.

## **OS JORNAIS COMO FONTE E DOCUMENTO**

Os registros que retratam fatos resultantes da ação humana, para Bellotto (2006), já se configuram como um documento. Para a autora, este é qualquer elemento pelo qual o homem se expressa, incluindo-se nesse rol os artigos de revista e jornais. As fontes jornalísticas são documentos que tiveram sua produção a partir do século XV, com base na invenção da prensa, por Gutenberg, e gradativamente foram sendo incorporados aos acervos de instituições em seus arquivos e bibliotecas.

Quando incorporados aos acervos institucionais, as fontes jornalísticas acabam por gerar necessidades específicas de conservação visando a sua manutenção a longo prazo, tendo em vista as próprias características da sua composição, tal como tipo de papel, de tinta, etc. Entretanto, para além da conservação destes materiais, o acesso e o uso dos mesmos como fonte de pesquisa também trouxeram desafios aos pesquisadores.

Partindo-se da premissa de que estes acervos desempenham papel relevante na construção do conhecimento histórico, entende-se que os jornais podem proporcionar uma visão contextualizada dos eventos passados, além de refletirem as perspectivas de uma determinada época, uma vez que registram fatos, narrativas e discursos inerentes à sociedade em um determinado momento da história. A partir do uso de acervos jornalísticos como fonte historiográfica, tem-se, também, a possibilidade de verificar as mudanças nas representações sociais e nas práticas discursivas ao longo do tempo.

Todavía, segundo Barichello e Constante (2018), não havia, até a década de 1930, a aceitação dos jornais como fontes de pesquisa histórica, sendo seu papel apenas servir como veículo de difusão de informação noticiosa à sociedade. Seus registros eram considerados fragmentados, tendenciosos, subjetivos ou parciais, não condizentes com a realidade factual.

Luca (2015) discorre acerca do uso de jornais enquanto fonte de pesquisa, em que esse processo tem início nos anos 1970, no Brasil. Nesse contexto, havia uma significativa produção de fontes jornalísticas, mas seu uso restringia-se à escrita da História da imprensa, e não à realização de estudos e pesquisas por meio da mesma. Desta forma, o uso de fontes jornalísticas em pesquisas históricas não era explorado em todos os seus aspectos.

Nesse contexto, Luca (2015) destaca ainda a ampliação do conceito de documento a partir da Escola dos Annales, nos anos 1930, a qual não ocorreu de forma imediata. É com a terceira geração da Escola dos Annales que o uso de novos conjuntos documentais, objetos e propostas de abordagens metodológicas foram sendo gradativamente incorporadas em pesquisas históricas, agregando desta forma as fontes jornalísticas, dentre outros materiais. Portanto, com o alargamento do conceito de documento, novos registros tornaram-se aptos à utilização em pesquisas históricas.

“A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História.” (LUCA, 2015, p. 113).

Karawejczyk (2010, p. 132) corrobora ao afirmar que “os historiadores têm, cada vez mais, incorporado periódicos no seu arsenal de consulta, muitas vezes utilizando-os como fonte exclusiva”.

Da mesma forma como Luca (2015), que destaca a possibilidade de utilização das fontes jornalísticas em pesquisas históricas, Teixeira (2005) também já apresentava considerações sobre essa fonte e possíveis formas de leitura da mesma. Para o referido autor, há quatro funções nas quais os jornais podem ser inseridos, no seu uso como fonte de informação/pesquisa, a saber: como fonte de informação noticiosa, como fonte histórica, como vetor narrativo ideológico e como fonte de informação para demandas específicas.

Enquanto fonte de informação noticiosa, o periódico fornece ao leitor um conjunto de matérias selecionadas, redigidos a partir da linha editorial específica (se o periódico é de esportes, saúde, etc.) ou ainda, de modo mais geral, com subdivisões em cadernos temáticos que têm linhas editoriais diversas. Já na função de vetor narrativo ideológico, a fonte jornalística

reflete o posicionamento dos seus anunciantes, pois também é uma empresa e, assim como quem redige as matérias não é isento, ele pode influenciar a confecção da narrativa jornalística de forma intencional ou não. Na função de documento histórico, a fonte jornalística retrata um momento histórico, pois identifica ‘determinada época e lugar’, além de refletir e reunir interpretações sobre os fatos ocorridos no âmbito local, regional ou nacional (TEIXEIRA, 2005). Portanto,

“[...] o exame retrospectivo de algumas publicações pode mostrar como foi o comportamento do veículo, durante determinada época e revelar os fatos selecionados, o destaque que eles obtiveram no jornal, o tipo de texto sobre o qual foi construída a notícia.” (TEIXEIRA, 2005, p. 82).

Por fim, na qualidade de fonte de informação para demandas específicas, a fonte dá suporte a instituições, pessoas físicas ou jurídicas e comunidades sobre temas específicos que lhe interessam (TEIXEIRA, 2005).

Além destas quatro funções específicas, o autor reflete que é possível, ainda, que a fonte jornalística se enquadre em uma quinta opção, sendo esta

“[...] a leitura dessas publicações com objetivo puramente estético, seja literário, geográfico ou fotográfico, proporcionado pelas crônicas, fotografias, tirinhas, pinturas e outras manifestações estéticas que podem ser tranquilamente abraçadas pela imprensa.” (TEIXEIRA, 2005, p. 68).

Segundo Barichello e Constante:

“A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) considera o jornal como patrimônio documental, entretanto, esse reconhecimento nunca foi um consenso. Por isso, entende-se que é necessário conhecer como as estórias que viram notícias são produzidas e publicadas para julgar se o jornal pode ser considerado uma fonte de pesquisa fidedigna. Isto é, como a informação está sendo disponibilizada pela instância de produção, considerando desde a entidade produtora e seu grupo de trabalho (atores) até a recepção.” (BARICHELLO; CONSTANTE, 2018, p. 83).

As autoras também consideram que os jornais são objetos de estudo específico de cotidiano e mentalidades do passado, sendo de interesse público. Por isso, na condição de documentos, devem estar sujeitos ao devido processamento técnico que garanta sua preservação e acesso.

Para Mouillaud (2012), o tempo presente, em que a notícia e seu registro é produzido, ainda não possui valor histórico em por isso, não é memória. Portanto, cabe ao historiador proceder à seleção de suas fontes, valendo-se de critérios que identifiquem questões relevantes

do passado, pois “se a coleção não se constitui memória para o leitor, ela pode se constituir arquivo para o historiador” (MOUILLAUD, 2012, p. 95).

Nessa conjuntura observa-se que as fontes jornalísticas têm amplo potencial de uso em pesquisas históricas, entretanto para que possam ser utilizadas com melhor propriedade é necessário que se estabeleça uma metodologia própria para coleta das informações presentes nesse documento. As fontes jornalísticas têm características próprias e peculiares, que as diferem por exemplo de documentos iconográficos, textuais (como relatórios, atas de reunião, etc.), cartográficos, entre outros. Assim, discutir um modelo de metodologia que possa auxiliar na coleta de dados e informações para a realização de pesquisas é importante, e será apresentado na próxima unidade deste trabalho.

## **METODOLOGIA DE ANÁLISE DE JORNAIS**

Existem diferentes metodologias que se propõem ao estudo e utilização de fontes jornalísticas como fonte de pesquisa. Cada uma delas apresenta características e variantes as quais precisam ser analisadas para saber se atendem as finalidades do pesquisador que tem por pressuposto a utilização desse tipo de material como fonte.

Isso significa que, além de compreender a potencialidade dos acervos jornalísticos como fonte histórica, também é necessário levar em consideração algumas questões metodológicas importantes, tanto em relação ao discurso quanto do contexto que permeia os acontecimentos registrados nestes periódicos.

Questões como o viés político da época em que foram feitas as publicações, a orientação ideológica do jornal e o público alvo a que o mesmo se destinava são de suma importância para a compreensão do pesquisador e, por isso, devem ser levados em conta. O discurso presente é um importante objeto de análise, uma vez que, com isso, podem ser identificados determinados fatores que indicam tanto exaltações quanto silenciamentos. Estes pressupostos são de grande relevância, já que os jornais são originários de um contexto social particular e, inevitavelmente, moldaram a opinião pública da época e também tiveram papel relevante na construção da memória coletiva.

Considerando essas questões, salienta-se que o intento deste trabalho não é apresentar uma variedade de metodologias que utilizem a fonte jornalística, discorrendo sobre as mesmas e comparando-as, e sim discorrer acerca de uma metodologia em específico, a qual corrobore com as premissas abordadas até o momento.

Assim, considera-se a metodologia de análise proposta por Braga (2012), a partir dos estudos realizados pelo referido autor. A escolha por evidenciá-la se dá por entender que a mesma pode ser facilmente utilizada em diferentes pesquisas, e também por compreender que esta permite uma abordagem ampla da fonte documental.

O autor visa a análise da fonte jornalística tendo como perspectiva uma abordagem integrada. Com isso, se estabelece que a análise da mesma decorre de um olhar analítico acerca do discurso do jornal, e não apenas de aspectos do mesmo.

Diante do exposto, os elementos a serem considerados na análise da fonte jornalística englobam elementos de discurso e de contexto. O Quadro 1 retrata esses aspectos:

Quadro 1: Elementos para análise da fonte jornalística

Principais elementos em relação mútua (tanto no jornal como no processo de análise)	
<p>No discurso</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Os textos, os desenhos, as fotos do jornal, cada um por si;</li> </ul>	<p>No contexto</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Os acontecimentos, que na empresa ou na sociedade, servem de referência ao jornal para a criação de suas representações do contexto;</li> </ul>
Principais elementos em relação mútua (tanto no jornal como no processo de análise)	
<p>No discurso</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>A estrutura dos tipos de artigos, etc., que “conformam” as matérias (textos, fotos, desenhos); ou, dito de outro modo, as estruturas produzidas pela realização destas matérias;</li> <li>As estruturas de integração entre estes diversos tipos de matérias, que as organizam (ou seja, estruturas que são produzidas por sua integração) e que dão forma ao jornal;</li> </ul>	<p>No contexto</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>A imprensa alternativa contemporânea a <i>O Pasquim</i>;</li> <li>A imprensa brasileira em geral;</li> <li>O contexto social, enquanto jogo de forças do poder político e da economia (dominação e trabalho).</li> </ul>

Fonte: Braga (2012, p. 297).

Desta forma, a metodologia descrita por Braga (2012) enfatiza que devem ser levados em consideração elementos como o discurso adotado, desenhos, fotos, a estrutura dos artigos e a integração entre as diferentes matérias. Além do que é necessário ater-se ao contexto local e regional dos acontecimentos retratados, os quais subsidiam o jornal para a criação de suas próprias representações de contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discorreu sobre o uso de acervos jornalísticos custodiados por arquivos e bibliotecas como fonte para escrita historiográfica. Assim, buscou-se apresentar elementos com dois enfoques: a compreensão da fonte jornalística como documento e a escolha de uma metodologia de análise para essa fonte.

Nesse contexto, foi importante apresentar elementos que caracterizem os jornais como fonte passível de ser utilizada em pesquisas históricas variadas (LUCA, 2015), mas principalmente enquanto documento, uma vez que registram fatos da ação humana em diferentes contextos (BELLOTTO, 2006).

Da mesma maneira, as considerações postuladas por Teixeira (2005) também reafirmam como essa fonte têm diferentes formas de leitura, as quais podem ser adotadas e detalhadas pelo pesquisador, que faz uso desse material. Em contrapartida, Barichello e Constante (2018) também abordaram questões relevantes sobre a fonte jornalística, ou seja, seu potencial enquanto patrimônio documental, motivo pelo qual considerou-se este referencial relevante para o trabalho, destacando esse outro viés dos acervos jornalísticos, custodiados por arquivos e bibliotecas.

Após tecer considerações que procuraram apresentar a relevância da fonte jornalística como fonte de pesquisa, como documento e como patrimônio documental buscou-se discorrer sobre uma metodologia específica para análise e compreensão do seu conteúdo no uso em pesquisas históricas.

Diante dessa realidade, abordou-se a metodologia proposta por Braga (2012), a qual apresenta a necessidade de um olhar abrangente sobre o periódico, sendo necessário realizar a análise do discurso e do contexto de produção do jornal, baseada na experiência do autor com o jornal *O Pasquim*.

Diante do exposto, entende-se que o objetivo do trabalho foi alcançado, pois realizou-se uma revisão bibliográfica acerca das fontes jornalísticas caracterizando-a como documento e patrimônio documental. Tais elementos serviram como subsídio para uma melhor compreensão do potencial da fonte jornalística em pesquisas acadêmicas/históricas, mas também como um caminho para a escolha de uma metodologia que tivesse na fonte jornalística seu principal uso nas pesquisas históricas.

O trabalho que aqui se apresenta traz um esboço sobre como a fonte jornalística, custodiada por arquivos e bibliotecas, pode ser compreendida e o seu potencial de uso em pesquisas históricas, sendo passível de atualizações e/ou incorporações futuras. Não é um fim,

mas o começo de uma discussão que não se encerra no trabalho apresentado, mas que pode e deve ser ampliada.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 289-306.

BARICHELLO, Eugenia Maria Mariano da Rocha; CONSTANTE, Sonia Elisabete. O jornal como documento/monumento para a recuperação e preservação da memória numa visão interdisciplinar. In: BARBIERO, Danilo Ribas; PEDRAZZI, Fernanda Kieling (Org.). **Caderno de Arquivologia 3**. Santa Maria: FACOS UFSM, 2018. p. 81-106.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

KARAWEJCZYK, Mônica. O jornal como documento histórico: breves considerações. In: **Historiae**. v. 1, n. 3, 2010. p. 131-147.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 111-154.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 67-100.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra. (Org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.